

Sob o rútilo manto de Hipnós refulge
O meu tépido sangue, que no zénite
Da minha acrimancia, prostrada sobre o meu catre
Devastada pela nostalgia, liberto enfim
Este mavioso madrigal, meu fardo, meu carme.

Sou uma sombra nas trevas do passado
A procura do conforto que me traz a memória.
Dilacerantes miasmas, esfumeantes pensamentos,
Bulício nefando, oscilando entre Eros e Thanatos.
E encontro-te minha irmã, meu conforto, minha ablução.

Ainda oiço a voz das tuas inocentes confissões,
Na cumplicidade belicosa do eloquente gaudio
Que regia os teus sonhos, na volição de transcender
O soturno auspício que embrutecia o teu semblante,
Auspício de um destino comum, nossa sentença, uma vida hilota.

Privadas do nosso mais nobre direito,
Tu! Minha irmã, sobre os bruxuleantes espectros
Que em torno da bugia formosamente dançavam, salvaste-me.
E tal como ícaro e dédalo, voamos, e também o tempo,
Hoje, as hílares meninas que fantasiavam com o himeneu são uma memória.

Todavia, a vida continuou o seu rumo num delirante vultear,
E o teu amor deixou marcas que transcendem o hialino véu que nos separa,
Minha irmã! Tu que sob o firmamento honraste este laço que nos une, foste luz,
E a memória e a luz fundem-se, a luz torna-se flavo, iluminado
Até termos desaparecido e reencontrado a nossa transparência, minha irmã.